

anarquismos na bahia: lutas, memórias e experiências libertárias

GUSTAVO VIEIRA

Biblioteca da Maloca Libertária (org.). *Memórias Libertárias na Bahia*. Salvador, 2022, 154 pp.

Em março deste ano, a Biblioteca da Maloca lançou o livro *Memórias Libertárias na Bahia (1970–2020)*, uma coletânea de textos nos quais os autores compartilham suas memórias, vivências, lutas, embates que compõem mais de 50 anos de práticas anarquistas no território baiano. A Biblioteca faz parte do Centro de Cultura Social Maloca Libertária, espaço libertário, autogestionário, criado em 2015 no bairro do Pelourinho, em Salvador. No espaço que tomou o nome de Maloca, em homenagem aos povos indígenas, são organizados eventos e atividades como: grupos de estudos sobre anarquismos, oficinas de cinema, conferências, exposições, rodas de conversa, concertos, entre outras atividades.

Essa coletânea organizada pela Biblioteca da Maloca, inicia-se com um texto de Ricardo Líper, anarquista soteropolitano e um dos inventores do jornal *O Inimigo do Rei*, experiência libertária potente no combate direto tanto à ditadura civil-militar, como às condutas autoritárias de parte da esquerda. Entre outras coisas, as experiências

Gustavo Vieira é doutorando em Ciências Sociais Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais (PEPG-CS) da PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol. Contato: gustavovieira09@gmail.com.

propiciadas pelo *O Inimigo do Rei* ajudaram a abrir caminho para o anarquismo na universidade. Inclusive, no início década de 1980, Líper foi um dos primeiros a associar as pesquisas do filósofo Michel Foucault às práticas anarquistas. Líper comenta sobre esses e outros temas em uma entrevista ao Nu-Sol publicada na edição nº 34 desta revista.

No livro, Líper compartilha suas memórias de quando era jovem, com 17 anos, contra o socialismo autoritário e sua ditadura do proletariado. Ele afirma que, ao deparar com obras como o livro *Anarquismo*, de Daniel Guérin, e *Minha desilusão na Rússia*, de Emma Goldman, descobriu o anarquismo, e o que define por “epistemologia do anarquismo”. Segundo Líper, tal epistemologia consiste nas maneiras pelas quais os anarquistas enfrentam os autoritarismos por meio da ação direta e do apoio mútuo, sem a intermediação de partidos políticos e quaisquer formas de liderança. Líper comenta que essas práticas e ações libertárias almejam ou correspondem ao que ele denomina “democracias libertárias”. Para um leitor interessado na memória das lutas, inclusive de práticas deliciosamente arrojadas, na antipolítica dos anarquistas, afirmando resistências e potencializando insurgências no presente, ficam algumas questões relacionadas as problematizações contemporâneas da própria arregimentação dos libertários para uma sintaxe política democrática.

O historiador Carlos Baqueiro mostra a entrada do anarquismo na Bahia, no início do século XIX, a partir de notícias de ações anarquistas de outras localidades do país, tais quais: a experiência da Colônia Cecília no interior do Paraná, a “Insurreição Anarquista” em novembro de 1918 no Rio de Janeiro e a Greve Geral de 1917, em São Paulo,

marcada pela predominância de militantes anarquistas. Também discorre sobre a provável presença de anarquistas na Greve Geral de 2 de junho de 1919 em Salvador.

Baqueiro destaca jornais soteropolitanos do período, como o *Germinal* e *A Voz do Trabalhador*, que marcaram a época com textos de aspiração libertária, próximos dos escritos anarcossindicalistas europeus, que abordavam a necessidade de ações diretas, como a sabotagem e a greve geral para transformar a sociedade. Segundo o autor, após a década de 1920, na Bahia, só voltaram a ocorrer manifestações anarquistas com maior veemência na década de 1950. Nesta época, inspirado pelas leituras de obras como *Filosofia da miséria*, de Pierre-Joseph Proudhon, e *A grande revolução*, de Pietr Kropotkin, o anarquista Antônio Mendes se aproximou de Roberto das Neves, um anarquista luso-brasileiro que vivia no Rio de Janeiro e que mais tarde passou a manter relações próximas com Ricardo Líper, em Salvador.

Conforme Baqueiro, “de alguma forma, a conjunção entre os três parece ter permitido a continuidade das ideias anarquistas na Bahia a partir da década de 1970” (p. 34).

Nos textos seguintes, o leitor é levado em uma jornada de experiências, acontecimentos e encontros que marcaram os anarquismos na Bahia. Entre eles, o já citado jornal *O Inimigo do Rei*, que emerge em 1977, inventado por estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O jornal foi resultado da ação de estudantes articulados em torno do grupo “O Fantasma da Liberdade”, nome inspirado no filme de Luis Buñuel. O grupo chegou a organizar uma chapa com o mesmo nome para concorrer às eleições do Diretório de Filosofia da UFBA. A ideia era

confrontar os DCEs que viviam nas mãos de partidos políticos e que administravam o espaço como propriedade privada. “Importunamos demais os políticos estudantis do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, que viriam a se transformar, muitos deles, em políticos formais de direita e esquerda” (p. 43), afirma Tony Pacheco

Após a repercussão do manifesto do “O Fantasma da Liberdade”, veio a ideia de editar um jornal autogestionário, tamanho A4, de periodicidade irregular. Assim, surgiu o primeiro número do *O Inimigo do Rei* (IR), que entre 1977 e 1988, com suas capas e artigos “altamente provocativos (...) causaram grande furor em Salvador e em outras capitais brasileiras” (p. 46). Além de suas afirmações marcantes, provocativas e bem-humoradas, abordando temas como a liberação do sexo e das drogas, o jornal divulgou e promoveu a existência de coletivos e associações anarquistas, feministas, ecologistas, gays, punks, surgidos naquele período. Após a terceira edição do IR, o grupo responsável pela edição do jornal se divide e cria a *Revista de Cultura Libertária Barbárie*, em 1979, que durou até 1982. Segundo Eduardo Nunes, junto com a revista, criou-se o Coletivo Barbárie, “que numa perspectiva de anarquismo social, envolvendo estudantes e sindicalistas, marcou presença no Bairro de Valéria e no Sindicato de trabalhadores Rurais de Candeias e São Francisco do Conde” (p. 69).

Essas experiências foram marcantes e possibilitaram a criação de outros espaços e práticas libertárias na Bahia. A partir de 2003, Antônio Mendes e outros companheiros dos anos 1970, fundam o Instituto Socioambiental de Valéria (ISVA), que oferecia oficinas de leitura, oficinas eco produtivas, apresentações de teatro, cineclubes, feiras de livros entre outras atividades. O objetivo era construir

um centro libertário de resistência no bairro de Valéria, na periferia de Salvador, por meio de práticas autogestivas. Também foram criados o Centro de Estudos em Ecopedagogia e Agroecologia e a Biblioteca Comunitária José Oiticica.

O livro destaca a forte relação dos anarquismos com o movimento punk da Bahia no final da década de 1980 e início de 1990. A partir de encontros, como os que ocorriam na Praça Municipal, onde se compartilhavam informações, experiências, materiais de imprensa marginal e fanzines, o movimento punk se consolidou em Salvador. Segundo Marcos Grito, “o movimento punk espalhou-se por toda parte e até no sertão nordestino tornou-se presente. Sua presença causava impacto em uma região conservadora, com uma estrutura social rígida e uma cultura normalmente reacionária” (p. 98). Marcos Grito também comenta que o Centro de Documentação e Pesquisa do Anarquismo (CDPA), responsável pela publicação do jornal *O Inimigo do Rei*, foi de grande importância para os punks que buscavam conhecer e pesquisar práticas anarquistas. Essas ações acabariam por gerar mais tarde o encontro e a formação de grupos punks com anarquistas vindos de outros movimentos, surgindo assim o Movimento Anarco-Punk de Salvador.

Houve também grupos anarquistas que atuaram na década de 1990, em Salvador, bem como a tentativa de organizar uma Federação Baiana de Anarquistas. De acordo com Baqueiro, estimulados pela experiência do jornal *O Inimigo do Rei*, os grupos e seus integrantes criaram o boletim *Bandeira Negra*, visando aumentar os vínculos e afinidades entre os grupos. O boletim teve seu primeiro número distribuído em janeiro do ano 2000 e resistiu,

entre altos e baixos, até 19 de outubro de 2005, quando deixou de existir junto com os esforços de se construir uma federação de anarquistas na Bahia.

No mesmo período, Paulo Caymmi dos Santos relata sua experiência no movimento estudantil no CEFET-BA (Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado da Bahia), quando jovens estudantes, por meio da ação direta e do “constrangimento”, avacalharam com o bê-á-bá das assembleias estudantis, lutaram contra as burocracias institucionais e resistiram às precarizações da instituição de ensino. Caymmi comenta que: “naquela época não tínhamos entre nós ninguém que dissesse que era anarquista, que tinha qualquer vínculo com o anarquismo, coisa e tal. Porém, éramos anarquizantes até o fim do inferno” (p. 131).

O livro se encerra com um texto escrito pela equipe que coordena a revista *A Inimiga da Rainha*, revista anarco-feminista que irrompe em 2017 a partir da colaboração entre Mirna Wabi-Sabi e integrantes da Maloca Libertária: “um ambiente frutífero de partilha entre as gerações, entre os que chegavam e os que já tinham muita estrada de experiência” (p. 151). *A Inimiga da Rainha*, cujo nome celebra *O Inimigo do Rei*, se relaciona com este, invertendo o foco da crítica contida no título, “uma vez que não somente homens podem ser reacionários ou revolucionários, mas também as mulheres, entendendo que elas são tão responsáveis por suas posições políticas quanto os homens” (p. 151). A revista matinha uma periodicidade anual, interrompida durante a chamada pandemia de Covid-19. *A Inimiga da Rainha* continua de modo digital, divulgando seus textos de “expressão artística e literária

experimental” (p. 156), uma perspectiva crítica, libertária e antiautoritária da sociedade.

O livro organizado pela Biblioteca da Maloca é fundamental para reiterar a potência das lutas e experiências libertárias que ocorreram e seguem ocorrendo na Bahia. Constitui um documento da maior importância para aqueles que buscam pesquisar mais sobre a cultura libertária, e para aqueles que buscam inventar heterotopias libertárias no presente. Tais relatos vibrantes e intensos de combate e prazer vividos por essas existências raras circulam entre os que fazem no aqui e no agora, práticas anarquizantes, com humor, liberdade e, é claro, com a deliciosa anarquia.